

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA DE ENFERMAGEM SOBRE VIOLÊNCIA, NO PERÍODO DE 2003 A ABRIL DE 2008

BRAZILIAN NURSING SCIENTIFIC PRODUCTION ON VIOLENCE: TRENDS IN THE PERIOD OF 2003 TO APRIL, 2008

TENDENCIAS DE LA PRODUCCIÓN CIENTÍFICA BRASILEÑA DE ENFERMERIA SOBRE LA VIOLENCIA, EN EL PERIODO DE 2003 A ABRIL DE 2008

Rodrigo Assis Neves Dantas¹
Glaucea Maciel de Farias²
Cristiane da Silva Ramos³
Isabel Karolyne Fernandes Costa⁴

RESUMO

A violência como problema social vem refletindo, em todas as esferas, no cotidiano das pessoas. Por essa razão, é importante considerarmos como ela está sendo vista e tratada no setor da saúde, em especial na enfermagem. Consideramos, pois, que se torna essencial estudarmos sobre essa temática identificando e analisando a existência de artigos científicos sobre violência. Para tanto, analisamos a produção científica brasileira de enfermagem sobre violência, publicadas no período de 2003 a abril de 2008, nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde/Biblioteca Regional de Medicina (BVS/BIREME). Para tanto utilizamos o Lilacs, o Medline, Scielo e o BDEF, enfocando o método, a região brasileira em que se realizou a pesquisa, a categoria do autor (docente, discente de pós-graduação e graduação, enfermeiro assistencial), idioma, ano de publicação, tipo de violência abordada e periódicos veiculados. Foram encontrados 154 artigos e desses foram selecionados 47. Desse total, em 33 (70,2%) foi utilizada uma abordagem qualitativa, 17 (36,2%) realizados na Região Sudeste, 32 (68,1%) por docentes, 39 (83,0%) na língua portuguesa, no ano de 2007, 20 (42,6%); 22 (46,8%) versaram sobre a violência contra a criança e o adolescente. O periódico que mais publicou essa temática foi a *Latino-Americana de Enfermagem*, com 10 publicações (21,3%). Conclui-se que a produção científica brasileira sobre a temática da violência ainda é escassa, mas que, no período pesquisado, houve um gradativo crescimento em relação a essas publicações.

Palavras-chave: Violência; Publicações/tendências; Publicações Científicas e Técnicas; Pesquisa em Enfermagem.

ABSTRACT

As a social problem, violence has been reflecting its consequences over people's daily lives. For such reason, it is important to understand how it is seen and addressed by health professionals, especially by nurses. It is therefore essential to study this issue by identifying and analyzing scientific paper on the theme. With this objective, we analyzed all Brazilian nursing scientific production on violence published in the period of 2003 to April, 2008. Articles from *Biblioteca Virtual em Saúde / Biblioteca Regional de Medicina (BVS/BIREME)* were accessed using LILACS, MEDLINE, SCIELO and BDEF database. We focused on methodology, Brazilian region where the study was performed, author's degree (professor, undergraduate or postgraduate student, assistant nurse), language, year of publication, type of violence covered and publication vehicles. A total of 154 articles were found, out of which 47 were selected. Qualitative approaching was used in 33 papers (70, 2%). Seventeen studies (36, 2%) had been performed in the Southeast of Brazil, 32 (68, 1%) had been carried out by professors, 39 (83, 0%) were written in Portuguese and 22 (46, 8%) dealt with violence against children and teenagers. The publication that most frequently had articles on the subject was *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, with a total of 10 papers (21, 3%). We conclude that Brazilian scientific production on violence is still scarce, even though there has been a gradual increase in the studied period.

Key words: Violence; Publications/trends; Scientific and Technical Publications; Nursing Research.

RESUMEN

La violencia como problema social se refleja en todos los ámbitos del día a día de las personas. Por ese motivo es importante saber como se la siente y se la trata en el sector de la salud, en especial en enfermería. Consideramos, por lo tanto, esencial estudiarla identificando y analizando artículos científicos sobre la violencia. Analizamos la producción científica brasileña de enfermería sobre la violencia publicada del 2.003 a abril del 2.008 en las bases de datos de la Biblioteca Virtual en Salud/Biblioteca Regional de Medicina (BVS/BIREME). Para ello utilizamos LILACS, MEDLINE, SCIELO y BDEF, enfocando el método, la región brasileña donde se realizó la investigación, la categoría del autor (docente, discente de posgrado y grado, enfermero asistencial), idioma, año de publicación, tipo de violencia enfocada y medio de publicación. Se encontraron 154 artículos de los cuales se seleccionaron 47. De ese total: 33 (70,2%) se emplearon en práctica cualitativa, 17 (36,2%) en la región Sureste, 32 (68,1%) por docentes, 39 (83,0%) en idioma portugués, 20 en el 2007 (42,6%); 22 (46,8%) sobre violencia contra el niño y adolescente. Quien más publicó sobre el tema fue la *Revista Latinoamericana de Enfermería* con 10 artículos (21,3%). Llegamos a la conclusión de que la producción científica brasileña sobre la violencia es escasa y que dentro del período investigado hubo un crecimiento gradual de las publicaciones que tratan del tema.

Palabras clave: Violencia; Publicaciones/tendencias; Publicaciones Científicas y Técnicas; Investigación en Enfermería.

¹ Enfermeiro. Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Substituto da disciplina de Semiologia e Semiotécnica do Departamento de Enfermagem da UFRN.

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EUSP). Professor Associado dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFRN.

³ Enfermeira. Mestre em Enfermagem pela UFRN.

⁴ Acadêmica da Graduação em Enfermagem da UFRN. Bolsista CNPq/PIBIC.

Endereço para correspondência: Rua dos Potiguares, 2323, Residencial Victória, bloco 01, apto 402, Lagoa Nova – CEP: 59054-280. Natal-RN, Brasil.

Tel: (84) 3234-4493 / 9976-3599. E-mail: rodrigoenf@yahoo.com.br; glauceadigizap.com.br; cristiane_ramos@hotmail.com; isabelkarolyne@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 1980, a violência e a criminalidade vêm aumentando de forma acelerada no Brasil. Enquanto as mortes por causas externas evoluíram à taxa anual de 2,4%, entre 1980 e 2004, o número de homicídios cresceu 5,6% ao ano, representando 37,9% do total de 127 mil mortes por causas não naturais, em 2004.¹

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2004, estimou o custo da violência no Brasil em R\$ 92,2 bilhões, o que representou 5,09% do PIB nacional, ou um valor *per capita* de R\$ 519,40. Desse total, R\$ 28,7 bilhões correspondem a despesas efetuadas pelo setor público e R\$ 60,3 bilhões estão associados aos custos tangíveis e intangíveis arcados pelo setor privado. Com base nessas evidências, afirma-se que a violência é um problema que produz ameaça à vida, à integridade física e à qualidade de vida, constituindo um grave problema de saúde para toda a sociedade.¹

O fenômeno da violência vem sendo considerado um problema de saúde pública, uma vez que cada vez mais esse evento ocorre em todas as faixas etárias, principalmente entre crianças, adolescentes e idosos, configurando-se como importante causa de morbimortalidade no mundo.²

Nesse sentido, a Organização Mundial de Saúde (OMS) define a violência como fruto de “ações humanas individuais, de grupos, classes, nações, que ocasionam a morte de seres humanos, ou afetam sua integridade física, moral, mental ou espiritual”.³

A violência, porém, apesar de não ser um assunto novo e de ser tratada como um problema de segurança pública, enfrentou diversos obstáculos para inserir-se como um problema de saúde pública.⁴⁻⁷ Essa visão começou a mudar na década de 1960, numa das especialidades mais sensíveis do campo médico: a pediatria. Isso se deu nos Estados Unidos da América (EUA), quando a pediatria americana passou a estudar, diagnosticar e tratar a “síndrome do bebê espancado”, colocando-a como um sério problema para o crescimento e o desenvolvimento infantil.

Uma década depois, vários países também reconhecem, formalmente, os maus-tratos como um ato de violência, considerado um grave problema de saúde pública. Assim, primeiro nos EUA e Canadá, e depois em outros países, na década de 1970, foram criados programas nacionais de prevenção primária e secundária contra a violência, além de centrais de denúncia. Essas iniciativas possibilitaram tornar público e passível de intervenção social um agravo à saúde tradicionalmente considerado de foro privado. Para que isso ocorresse, houve grande contribuição por parte das sociedades de pediatria de vários países, já articuladas com setores da sociedade civil dedicados aos direitos da infância e da adolescência.⁸

Outro acontecimento importante que colaborou para que as discussões sobre violência fossem feitas no campo da saúde foi o movimento feminista. Com base em sua

filosofia e método de trabalho, buscou-se sensibilizar a sociedade, especialmente as mulheres, quanto à violência de gênero, trazendo mudanças essenciais na abordagem do setor saúde. Dessa forma, as agressões domésticas, o abuso sexual e psicológico, a mutilação e os homicídios passaram a fazer parte do cotidiano das emergências não apenas como assistência pontual, mas também como objeto de prevenção da saúde com relação à violência fundamentada no gênero.⁸

Apesar dessa realidade, foi apenas na década de 1980 que o tema violência entrou com maior força nos debates do campo da saúde, tanto no Brasil como nas sociedades ocidentais. No final década de 1990, vários movimentos sociais pela democratização, como a reforma sanitária, a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM), a atuação de organizações não governamentais (ONGs) na atenção aos maus-tratos na infância, como também a influência internacional, que inclui as conferências no Cairo (Egito) e em Beijing (China), contribuíram para inserir a temática da violência na pauta de discussões no âmbito da saúde.^{5,9}

No âmbito da pesquisa, a implantação da Reforma Universitária Brasileira, na década de 1970, favoreceu mudanças no ensino de graduação, concomitantemente à implantação da pós-graduação *stricto sensu*, que possibilitou o envolvimento mais efetivo dos enfermeiros com a pesquisa e com a produção de trabalhos científicos. A partir de então, a produção científica da enfermagem é procedente, sobretudo dos cursos de pós-graduação, e a criação desses cursos permitiu um avanço significativo na avaliação crítica da prática profissional, notadamente a partir da década de 1980.¹⁰⁻¹¹

Sendo a enfermagem uma profissão que lida com problemas de várias origens, incluindo a violência social, é importante que também tenha a preocupação de investigar como está situada essa temática no cotidiano dela. Essa visão de refletir sobre as tendências na produção científica de enfermagem, nessa área, deve surgir, sobretudo, das dúvidas sobre o modo como a profissão, como prática social, vem enfocando a temática da violência e suas conseqüências no âmbito da saúde. Nesse sentido, é relevante que conheçamos a situação em que se encontram as pesquisas sobre violência, com enfoques tanto quantitativo quanto qualitativo na busca de evidências, e como esses resultados podem contribuir para a elaboração de estratégias de enfrentamento para a prevenção desses agravos.⁹

As tendências da investigação científica nessa área devem ser analisadas de acordo com a realidade dela, considerando os aspectos político, econômico, social, cultural e histórico a que esse processo de construção do conhecimento se submete inevitavelmente.¹⁰⁻¹¹

No contexto atual, o crescimento do interesse em pesquisar o fenômeno da violência pode ser, de fato, sintetizado, de um lado, na própria ampliação

contemporânea da consciência do valor da vida e dos direitos de cidadania e, de outro, nas observações sobre as mudanças no perfil de morbimortalidade no mundo e no País. A transição epidemiológica nacional, observada do ponto de vista da mortalidade, vem apontando para a substituição das antigas epidemias e das doenças infecciosas e parasitárias por um perfil no qual as patologias do aparelho circulatório, as causas externas e as neoplasias ocupam os três primeiros lugares, respectivamente.^{5,12}

Preocupados com o avanço da violência em nosso país, questionamos: como tem sido desenvolvida a produção científica brasileira de enfermagem sobre a violência? Quais os principais tipos de violência abordados? Para responder aos nossos questionamentos, elaboramos os seguintes objetivos: caracterizar a produção científica brasileira de enfermagem, publicadas de 2003 a abril de 2008, sobre violência, nas bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde/Biblioteca Regional de Medicina (BVS/Bireme), quanto ao método de pesquisa, região, categoria do autor, idioma, ano, tipos de violência e periódico veiculado.

MATERIAL E MÉTODO

Atendendo à proposta da investigação, optamos por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, que é adequada para analisar publicações, e identificar nela, dentre outros aspectos, a freqüência, a regularidade, os tipos, os assuntos examinados e métodos empregados.¹³

A pesquisa foi realizada na BVS/Bireme, especificamente nas bases de dados da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (Lilacs), na Literatura Internacional em Ciências da Saúde (Medline), na Scientific Electronic Library Online (Scielo) e na Base de Dados de Enfermagem (BDENF), no período de 2003 a abril de 2008.

Utilizamos como descritores os termos "violência" e "enfermagem" (*violence and nursing; violencia y enfermería*), segundo a classificação dos descritores em ciências da saúde (DECS).

Os critérios de inclusão dos artigos para essa revisão bibliográfica apontam para estudos sobre a temática da violência publicados, no Brasil, de 2003 a abril de 2008, nas línguas inglesa, portuguesa, espanhola, em forma de texto completo. Os critérios de exclusão focaram-se nos estudos que não respondessem ao nosso questionamento e que estivessem publicados em mais de uma base de dados. O coorte do período estudado justifica-se por assegurar a atualidade dos dados, enfocando as tendências das investigações analisadas.

Nesse sentido, encontramos 154 artigos assim distribuídos: dos 65 encontrados na Lilacs, após refinamento, selecionamos 17 artigos; na Medline identificamos 8 estudos, mas apenas 2 foram selecionados; na Scielo encontramos 42 e, desses, 23 foram selecionados; BDENF, dos 39 artigos encontrados, apenas 05 foram selecionados. Após a busca, totalizamos 47 estudos que corresponderam aos nossos critérios de inclusão.

Os dados foram coletados de março a maio de 2008, mediante a utilização de um formulário estruturado, abrangendo questões condizentes com a proposta da pesquisa, incluindo: base de dados da BVS/Bireme (Lilacs, Medline, Scielo e BDENF), métodos de pesquisa adotados, região do País em que a investigação se realizou, categoria do primeiro autor, idioma, ano de publicação, tipo de violência investigada e periódicos escolhidos para publicação.

Os dados foram analisados utilizando-se a estatística descritiva e apresentados sob a forma de tabelas.

RESULTADOS

Inicialmente, apresentamos os resultados da TAB. 1 com dados sobre a distribuição das publicações segundo o método de pesquisa utilizado, a região do país de origem do estudo, a categoria do primeiro autor, o idioma e o ano de publicação.

TABELA 1 – Características dos artigos sobre violência, publicados na Lilacs, na Medline, na Scielo e na BDENF, quanto ao método de pesquisa, região, categoria do autor, idioma e ano de publicação, de 2003 a abril de 2008. Natal-RN, 2008

CARACTERÍSTICAS	N	%
Método de pesquisa		
Qualitativo	33	70,2
Quantitativo	12	25,5
Quantitativo e qualitativo	2	4,3
Região		
Sudeste	17	36,2
Sul	16	34,0
Nordeste	8	17,0
Centro oeste	5	10,6
Norte	1	2,1
Categoria do autor		
Docente	32	68,1
Discente de mestrado/doutorado	7	14,9
Discente de graduação	6	12,8
Enfermeiro assistencial	2	4,3
Idioma		
Português	39	83,0
Inglês	7	14,9
Espanhol	1	2,1
Ano		
2007	20	42,6
2006	12	25,5
2005	6	12,8
2004	6	12,8
2003	2	4,3
2008 (até o mês de abril)	1	2,1
TOTAL	47	100,0

A TAB. 1 mostra que o método de pesquisa mais utilizado foi a abordagem qualitativa (70,2%), como achado mais adequado à produção do conhecimento em enfermagem para subsidiar as pesquisas na temática da violência.

Quanto à região brasileira em que mais se pesquisou, encontramos as regiões Sudeste (36,2%), Sul (34%), Nordeste (17%), Centro-Oeste (10,6%) e Norte com menos publicações (2,1%) na área da violência.

Observou-se a predominância de pesquisas de autoria de docentes (68,1%), seguidas daquelas cujos autores são estudantes de pós-graduação (14,9%) e discentes da graduação (12,8%).

Entre os idiomas utilizados para publicação, predominou a língua portuguesa, com 83% do total dos artigos.

Os anos em que mais se publicaram estudos que abordavam o tema da violência foram 2007 (42,6), 2006 (25,5%) e 2005 (12,8%), respectivamente.

A TAB. 2, a seguir, mostra a distribuição dos artigos quanto ao tipo da violência abordada em seus estudos.

TABELA 2 – Distribuição dos artigos sobre violência, publicados na Lilacs, na Medline, na Scielo e na BDNF, quanto ao tipo de violência estudado, de 2003 a abril de 2008. Natal-RN, 2008

TIPO DE VIOLÊNCIA	N	%
Contra criança/adolescente	22	46,8
Ocupacional	9	19,1
Contra mulher	6	12,8
Sexual	4	8,5
Urbana	2	4,3
Outros	4	8,5
Contra idoso	0	0,0
Auto-inflingida	0	0,0
TOTAL	47	100,0

Nos achados deste estudo, encontrou-se que a violência contra a criança (46,8%) foi o tema mais estudado nos últimos cinco anos, seguido da violência ocupacional (19,1%) e contra a mulher (12,3%), respectivamente.

A TAB. 3, a seguir, mostra a distribuição dos periódicos indexados nas bases de dados pesquisadas, nas quais se verificou os estudos sobre violência selecionados.

TABELA 3 – distribuição dos artigos sobre violência, publicados na Lilacs, na Medline, na Scielo e na BDNF, quanto aos periódicos, de 2003 a abril de 2008. Natal-RN, 2008

PERIÓDICOS	N	%
Rev. Latino Am. Enfermagem	10	21,3
Texto & Contexto Enfermagem	8	17,0
Online Brazilian Journal of Nursing	5	10,6
Cadernos de Saúde Pública	5	10,6
Rev. Brasileira de Enfermagem	5	10,6
Ciência & Saúde Coletiva	4	8,5
Acta Paulista de Enfermagem	4	8,5
Rev. Esc. USP	1	2,1
Jornal Brasileiro de Pneumologia	1	2,1
Rev. Saúde Pública	1	2,1
Rev. Eletrônica de Enfermagem	1	2,1
Investigación y Educación en Enfermería	1	2,1
Rev. Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia	1	2,1
TOTAL	47	100,0

Observa-se que as revistas *Latino-americana de Enfermagem* (21,3%), *Texto & Contexto Enfermagem* (17%), a *Online Brazilian Journal of Nursing* (10,6%), *Cadernos de Saúde Pública* (10,6%) e a *Brasileira de Enfermagem* (10,6%) foram as que mais publicaram artigos específicos sobre a violência, quando comparadas com as demais revistas.

DISCUSSÃO

Inicialmente, analisamos a TAB.1, no que se refere à distribuição das publicações segundo o método de pesquisa utilizado, a região do país de origem do estudo, a categoria do primeiro autor, o idioma e o ano de publicação.

Quanto ao método de pesquisa mais utilizado, encontramos a abordagem qualitativa (70,2%), como achado mais adequado à produção do conhecimento em enfermagem para subsidiar as pesquisas na temática da violência, como mostra a TAB. 1.

Alguns autores relacionam essa abordagem não somente como a que possibilita maior interação entre pesquisadores e pesquisados, favorecendo maior compreensão do objeto estudado, mas também em relação ao aumento da utilização dos métodos qualitativos pelos pesquisadores, abordagem que passou a ser inserida nos programas de pós-graduação após a década de 1980.¹⁴⁻¹⁵

Acredita-se que essa tendência à abordagem qualitativa tenha se desenvolvido influenciada pelos paradigmas emergentes que se contrapõem ao positivismo, o qual tem se mostrado inadequado à busca de compreensão e explicação dos fenômenos sociais, fazendo emergir novas abordagens metodológicas nas investigações científicas.

Em um estudo¹⁶ que pesquisou as tendências de publicação científica na área da saúde da mulher entre 2001 e 2005, encontramos resultados semelhantes ao nosso, quando as autoras mostraram a abordagem qualitativa (57,50%) como método de pesquisa mais encontrada nos estudos selecionados.

Quanto à região brasileira em que mais se pesquisou, encontramos as regiões Sudeste (36,2%) e Norte com menos publicações (2,1%) na área da violência.

Achados semelhantes^{9,14} mostram o elevado número de cursos de mestrado e doutorado com a expansão nacional e regional de publicações, o que propicia a hegemonia da Região Sudeste nos campos da pesquisa e publicação. Em contrapartida, a Região Norte apresentou o menor número de estudos sobre violência de todo o estudo, fato que pode ser justificado pela ausência, até o momento, de um programa de pós-graduação *stricto sensu* na área de enfermagem.

Observou-se a predominância de pesquisas de autoria de docentes (68,1%), seguidas daquelas cujos autores são estudantes de pós-graduação (14,9%) e discentes da graduação (12,8%).

Essa produção científica na enfermagem é quantitativamente incipiente em decorrência do reduzido número de profissionais que optam por ingressar em programas de pós-graduação, considerando o número de enfermeiros cadastrados no Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Outro aspecto relevante que reforça os achados da pesquisa deve-se às bases de pesquisa existentes nas instituições que incentivam os docentes e discentes a publicar artigos científicos com base nos resultados de seus estudos.

Em uma pesquisa sobre a produção do conhecimento sobre adolescência na enfermagem,¹⁷ detectamos resultados semelhantes ao nosso quando verificamos que a maioria dos autores que publicaram os artigos selecionados também era docente.

Entre os idiomas em foram publicados, predominou a língua portuguesa, com 83% do total dos artigos. Acredita-se que predominância da língua nacional nas publicações se deva ao fato de as revistas serem brasileiras, facilitando, assim, o uso desse idioma.

Os anos em que mais se publicaram estudos que abordavam o tema da violência foram, respectivamente, 2007 (42,6%), 2006 (25,5%) e 2005 (12,8%).

Essa demanda tem aumentado a cada ano, como mostra a TAB.1. Acredita-se que isso se deva à necessidade de abordar a temática da violência, uma vez que os índices de morbimortalidade por esses agravos têm se elevado após o incremento da globalização.

No Brasil, a taxa nacional de homicídios em 2006, segundo a OMS, é de 27 mil habitantes, considerado um número expressivo se comparado aos registrados em países desenvolvidos.¹⁸

Subsidiando os achados em nossa pesquisa, o Ministério da Saúde, em parceria com o Centro Latino-Americano de Estudos da Violência e Saúde Jorge Careli (Claves/Fiocruz),

publicou, em 2005, o livro *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*, que mostra a importância da produção contínua e oportuna de conhecimentos científicos com o propósito de subsidiar o estabelecimento de políticas públicas para o enfrentamento desse problema. A TAB. 2 mostra a distribuição dos artigos quanto ao tipo da violência abordada nas várias pesquisas.

No achados desse estudo, encontrou-se que a violência contra a criança (46,8%) foi o tema mais estudado nos últimos cinco anos, seguido da violência ocupacional (19,1%) e contra a mulher (12,3%), respectivamente.

Os estudos voltados para a violência doméstica, no Brasil, começaram a ganhar maior visibilidade a partir da década de 1980, quando se iniciou o movimento de democratização no País e se despertou para a defesa e a garantia dos direitos de grupos considerados mais vulneráveis, em especial crianças, adolescentes e mulheres. A promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990, e do Estatuto do Idoso (Lei nº 10.741, de 1º/10/2003) propiciam atenção diferenciada para esses grupos no que diz respeito a políticas e programas que lhe são dirigidos.¹⁹

Há que se considerar, também, que a adolescência, nas últimas décadas, vem sendo objeto de estudos de muitos pesquisadores, uma vez que essa fase está ligada a diversos fatores que contribuem para o aumento da violência. Destaca-se dentre eles a maior liberdade sexual e infratora, decorrente de diversos movimentos sociais, como a revolução sexual iniciada na década de 1950 e o movimento feminista; o aparecimento da síndrome da imunodeficiência adquirida (SIDA) e a elevação do consumo de drogas. Cabe ressaltar, também, a importância numérica dos adolescentes, representando 23,4% da população brasileira e 30% da população mundial.¹⁷

Contribuíram para este estudo, também, pesquisas na área da violência ocupacional, pois é notável e digna de preocupação o expressivo número de trabalhadores do setor de saúde que são atingidos pela violência em diversos países. Esse fato chamou a atenção da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e de outras instituições, que estabeleceram diretrizes para combater o medo, a humilhação, as agressões e os homicídios nos locais de trabalho.²⁰

A violência contra a mulher, bastante presente em nossos dias, é considerado o terceiro tipo de violência mais abordado em nosso estudo. Isso se deve à elevada estatística nacional que atinge uma entre cada cinco mulheres brasileiras. Grande parte dos casos corresponde à violência doméstica que, em geral, é praticada por homens com laços de intimidade com as vítimas. Os crescentes índices de notificação nas delegacias especializadas e as políticas públicas de saúde e de segurança mostram que a violência de gênero é uma questão prioritária.²¹ Esses motivos têm incentivado as investigações na área da violência contra a mulher, dada a necessidade de buscar estratégias de enfrentamento e de reconhecimento desse tipo de violência pelos serviços e profissionais de saúde.

ATAB.3 mostra a distribuição dos periódicos indexados nas bases de dados pesquisadas, nos quais foram verificados os estudos sobre violência selecionados. Observa-se que as revistas *Latino-americana de Enfermagem* (21,3%) *Texto & Contexto Enfermagem* (17%), a *Online Brazilian Journal of Nursing* (10,6%), *Cadernos de Saúde Pública* (10,6%) e a *Brasileira de Enfermagem* (10,6%) foram as que mais publicaram artigos relacionados à violência, quando comparadas com as demais revistas.

Analisando a TAB. 3, observa-se que a produção científica de enfermagem em violência, no período de 2003 a abril de 2008, foi, principalmente, veiculada nas revistas *Latino-americana de Enfermagem*, *Texto & Contexto Enfermagem*, *Online Brazilian Journal of Nursing*, *Cadernos de Saúde Pública* e a *Brasileira de Enfermagem*, todas com classificação Internacional pelo índice Qualis CAPES. Esse resultado, de certo modo esperado, pode ser explicado pela maior periodicidade e número de edições anuais de alguns periódicos citados.

Alguns estudos¹⁵ encontraram resultados semelhantes ao nosso, quando investigaram a produção científica brasileira na área da enfermagem em cuidados intensivos. Neste estudo, os periódicos que mais se publicaram sobre essa temática foram a *Revista de Enfermagem da USP*, *Latino-americana de Enfermagem* e a *Brasileira de Enfermagem*, respectivamente.

CONCLUSÃO

A maioria dos estudos, nesta pesquisa, utilizou o método qualitativo. A Região Sudeste prevaleceu em número

de estudos publicados nos periódicos. Os docentes e discentes de pós-graduação foram os autores com maior prevalência, seguidos dos discentes de graduação. O idioma mais veiculado foi o português e, quanto ao ano de publicação, encontramos um maior número de artigos publicados dêem 2007.

Os resultados mostraram que os tipos de violência mais freqüentemente abordados foram contra criança e adolescente, ocupacional e contra a mulher, respectivamente.

Ressaltamos que a prática da violência, em todas as suas faces, tem sido debatida não somente no campo da saúde, mas também em outras áreas, como a educação, o direito, o trabalho e a assistência social, com vista à prevenção, ao enfrentamento e ao tratamento de danos e patologias conseqüentes. Consideram-se escassos os estudos que versam sobre a violência, por isso é prioritário dar continuidade à realização de investigações nessas temáticas e, ao mesmo tempo, investir no desenvolvimento de pesquisas, direcionadas àquelas até então pouco estudadas.

A discussão em torno do impacto desses estudos, independentemente de sua abordagem, requer repensar sobre o compromisso social da pesquisa e com a produção dela, que é historicamente situada e socialmente determinada, ao apontar diretrizes ou solucionar problemas que afetam dado segmento social.

Reforçamos, porém, que, apesar dos estudos já desenvolvidos, há necessidade de incremento em pesquisas nessas temáticas.

REFERÊNCIAS

1. Cerqueira DRC, Carvalho AXY, Lobão WJA, Rodrigues RI. Análise dos custos e conseqüências da violência no Brasil. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2007. [Citado em 2008 mar. 15]. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1284.pdf
2. Luz AMH, Visentin A. Violência contra a mulher. In: Luz AMH, Mancia JR, Motta MGC, organizadores. As amarras da violência: a família, as instituições e a Enfermagem. Brasília (DF): ABEn; 2004.
3. Brasil. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n.º 737 de 16/05/01. Política nacional de redução da morbimortalidade por acidentes e violências. Diário Oficial da União. 2001; 96 (Seção 1E): 58
4. Minayo MCS. A violência social sob a perspectiva da Saúde Pública. *Cad Saúde Pública*. 1994; 10(Supl.1): 7-18.
5. Minayo MCS, Souza ER. É possível prevenir a violência? Reflexões a partir do campo da saúde pública. *Ciênc Saúde Coletiva*. 1999; 4 (1):7-23.
6. Deslandes SF. Violência no cotidiano dos serviços de emergência: práticas, interações e representações desafios [tese] Rio de Janeiro (RJ): Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2000. 236p.
7. Minayo MCS. A difícil e lenta entrada da violência na agenda do setor saúde. *Cad Saúde Pública*. 2004; 20(3): 646-7.
8. Heise L. Gender based abuse: the global epidemic. *Cad Saúde Pública*. 1994; 10(Supl. 1):135-45.
9. Tyrrel MAR, Cabral IE. A produção científica de enfermagem em saúde da mulher e da criança: panorama brasileiro. *Rev Enferm UERJ*. 2005; 13(1):103-11.
10. Padilha KG, Pierin AM, Ide CA, Braz E, Farias GM, Takahashi OC. Pesquisa em Enfermagem médico-cirúrgica no Brasil. *Rev Paul Enferm*. 1983; 3(5):167-9.
11. Moura MAV, Spíndola T, Ferrer GH, Siqueira PRA, Chamilc RA. Tendências da produção científica em enfermagem na área de saúde da mulher. *Esc. Anna Nery. Rev. Enferm*. 2001; 5 (3): 335-46.
12. Njaine K, Minayo MCS. A violência na mídia como tema da área da saúde pública: revisão da literatura. *Ciênc Saúde Coletiva*. 2004; 9(1):201-11.
13. Leopardi MT. Metodologia da pesquisa na saúde. Santa Maria (RS): Palloti; 2001.
14. Moura ERF, Franco ES, Fraga MNO, Damasceno MMC. Produção científica em saúde da mulher na pós-graduação da Universidade Federal do Ceará, Brasil 1993-2002. *Ciênc Enferm*. 2005; 11(2):59-70.

15. Ducci AJ, Krokosez DVC, Bento SCT, Padilha KG, Kimura M, Miyadahira AMK. Produção científica brasileira de enfermagem em terapia intensiva de 1995 a 2004. *Acta Paul Enferm.* 2007;20(2):216-22.
16. Souto CMMR, Pessoa SMF, Damasceno MMC, Araújo TL. Tendências das pesquisas de enfermagem em saúde da mulher no período de 2001 a 2005. *Texto Contexto Enferm.* 2007; 16(4):719-26.
17. Cano MAT, Ferriani MGC, Alves AC, Nakata CY. A produção do conhecimento sobre adolescência na enfermagem: período 1983 a 1996. *Rev Latino-am Enferm.* 1998; 6(1):91-7.
18. Belchior F. Os custos da violência no Brasil. *Rev Desafios Desenvol.* [Citado em 2008 mar. 15]. Disponível em: http://desafios2.ipea.gov.br/003/00301009.jsp?ttCD_CHAVE=2518.
19. Cunha JM, Assis SG, Pacheco STA. A enfermagem e a atenção à criança vítima de violência familiar. *Rev Bras Enferm.* 2005; 58(4):462-5.
20. Organización Internacional del Trabajo/Organización Mundial de la Salud. Diretrizes marco para afrontar la violencia laboral en el sector de la salud. [Citado em 2004 mar. 2]. Disponível em: <http://www.icn.ch/SEWViolenceguidelineSP.pdf>
21. Monteiro CFS, Souza IEO. Vivência da violência conjugal: fatos do cotidiano. *Texto Contexto Enferm.* 2007; 16 (1):26-31.

Data de submissão: 16/9/2008

Data de aprovação: 27/11/2008